

GRANJA DO TORTO, BRASÍLIA, DF, 24 DE MARÇO DE 1998

*Muito bom, Senhores Presidentes; Senhores participantes deste encontro;
Senhores Embaixadores que aqui estão,*

Eu creio que falar qualquer coisa além do que foi dito sobra. Acredito que esta sessão de conclusão reafirmou a convicção com a qual cheguei aqui, de que nós já sabemos o que deve ser proposto, já conhecemos os novos valores. A dificuldade está em fazer com que eles sejam queridos, desejados pela sociedade. Eu acho que é isso.

Mas, ao reconhecer que já dispomos de um conjunto de diretrizes fundamentais, de uma reorientação, de uma nova visão da sociedade, do Estado, do mercado, do papel do ser humano nesse conjunto, nós já avançamos bastante.

Ao terminar, porque eu não quero, realmente, me alongar – creio que as exposições dos três aqui não só são um resumo do que se discutiu, como vão além do que se discutiu, e toda boa síntese faz isso mesmo, supera –, ao terminar, eu queria dizer que eu também me mantinha numa posição de um otimismo realista. Costumo frasear isso diversamente. Às vezes eu falava de utopia viável. É claro que as pessoas

que gostam de criticar por criticar dirão que isso é uma contradição nos termos. Por isso que eu a ponho. É uma utopia, mas ela tem que ser realista, viável.

Nós estamos nos aproximando de um novo milênio. Aqui, não só na América Latina, mas em geral, as diferenças temáticas, hoje, são muito pequenas. O que se discute na Espanha, na Inglaterra, nos Estados Unidos, aqui, na Coreia é a mesma coisa. Acho que nós nos aproximamos desse novo milênio com o espírito – como eu mencionei ontem – do Renascimento. Nós temos que fazer a fusão entre o século XVI e o século XVIII. Não gosto de falar dessas coisas diante de tantos historiadores e de novos historiadores como o Hélio Jaguaribe, que posso estar errado.

Mas, de qualquer maneira, o que eu quero dizer com isso é que, no sentido do Renascimento, da descoberta do outro, da descoberta de um mundo mais amplo, das grandes navegações, hoje nós fazemos navegações para outros planetas, para outros lados do Universo, temos novas tecnologias, uma invenção tecnológica extraordinária e a tentativa de colocar o homem como o centro das coisas. Daí o Renascimento outra vez, mas com o século XVIII, ou seja, o Século das Luzes, da razão.

Nós, aqui, ouvimos várias discussões ao redor do mesmo tema. Como? Os valores são fundamentais, os problemas são imensos, o impulso ético é muito grande, mas, se não houver um caminho razoável, esse impulso vira mera prédica, não se transforma em ação concreta de transformação.

Acho que este é o nosso desafio: marchar com a convicção, com a consciência dos objetivos que já temos, mas equacionar tudo isso de modo que haja uma lógica e que essa lógica seja razoável. Sempre fui muito favorável às teses de Habermas, no sentido do discurso, do diálogo, da razoabilidade das coisas. Às vezes, pode parecer que essa postura de razoabilidade, que houve em todos aqui, se contradiz com a postura do profeta, com a postura do iracundo, do furioso, do enraivecido, do protesto pelo protesto. De fato se contrapõe, mas ela não pode ser alheia à existência da desigualdade, da injustiça, da violência. A isso nós devemos reagir com energia, com a mesma força do protesto, com a

mesma indignação. Só que nós não devemos toldar a nossa visão e imaginar que as soluções possam ser feitas sem que existam, também, esforços de racionalidade. Aquilo que foi dito, que nós avançamos muito na racionalidade neste continente, na área econômica, estamos agora equacionando na área social e vamos nos aproximar do mais difícil, que é equacionar na área política.

Se ainda me lembro das minhas velhas leituras de Karl Mannheim, que apaixonava tanto quando eu era estudante e, mesmo, quando professor jovem, na universidade, ele sempre dizia que o que distingue a política da administração é que a política é o reino do imprevisível e a administração é o reino do já conhecido, da regra, onde entra a burocracia. E a esfera da política é a esfera do não-controlável.

Portanto, termino dizendo que, apesar de todo esse preito à racionalidade, na verdade nós não podemos nunca imaginar, porque seria irracional, que tudo se resolve pela razão. Há um momento em que a emoção é fundamental. Este é o momento em que se funde a razão com a política, um momento que enobrece a política e aqueles que são capazes de exercê-la tendo uma visão grandiosa desse processo.

Em termos nossos, brasileiros, eu formulo isso dizendo que sou cartesiano. Sim, li muito Descartes, mas com uma pitada de candomblé. Eu acho que disso se trata. Os que pensam que são muito racionais e ficam frios, técnicos, abstratos, que se esquecem de que há alguma coisa que não é explicável, alguma coisa que vem do impulso, até mesmo dessa ira sagrada contra a injustiça, se perdem numa falsa racionalidade. A nossa é a racionalidade daqueles cuja maioria talvez nunca tenha sequer ido a um candomblé, mas é um pouco Descartes misturado com os nossos orixás.

Muito obrigado.

